

**A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR: UM OLHAR SOBRE OS
ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA HOSPITALIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO
ACOMPANHANTE**

**THE WORK OF HOSPITAL PSYCHOLOGISTS: A LOOK INTO THE
PSYCHOLOGICAL ASPECTS OF HOSPITALIZATION FROM THE COMPANIONS'
PERSPECTIVE**

Ageu Moura da Silva¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender o sujeito hospitalizado e o acompanhante, analisar os aspectos psíquicos que possam afetá-los, a partir do processo de internação e mudança da dinâmica social. Busca-se relacionar os seguintes tópicos: Psicólogo no contexto hospitalar; A atuação do psicólogo na enfermaria obstétrica e neonatologia; A atuação do psicólogo junto ao paciente cardíaco; Considerações sobre a perspectiva do acompanhante acerca da hospitalização – sobre os quais me debruço a fim de contribuir teoricamente diante do olhar psicológico sobre o processo de hospitalização, institucionalização do sujeito e seus impactos na saúde psíquica. Essa pesquisa está ancorada na revisão de literatura. Como metodologia, utilizou-se da revisão de literatura qualitativa, por meio de livros e artigos que versam sobre a história do hospital, a história da psicologia no âmbito hospitalar e a atuação do psicólogo hospitalar. Os resultados demonstraram a presença real de fatores angustiantes para com os acompanhantes, podendo impactar diretamente na saúde psíquica, e a importância do psicólogo nesse contexto. Por meio de todos os referenciais teóricos, observações e experiências vividas, entende-se que são necessárias ações de intervenção e assistência não apenas no âmbito do paciente, mas também para com o seu acompanhante, podendo ser mãe, pai, filhos ou irmão, visto que a hospitalização pode causar diferentes tipos de sofrimento psicológico ao paciente e seu acompanhante em decorrência dos aspectos negativos que envolvem o processo de hospitalização.

Palavras-chave: Hospitalização; Psique; Angústia. Acompanhante.

ABSTRACT

This article aims to understand the hospitalized individual and their companion, analyzing the psychological aspects that may affect them, based on the hospitalization process and changes in social dynamics. Our objective is to correlate the following

¹ Graduado em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO); Especialista em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFT)

topics: Psychologists in the hospital context; The role of psychologists in obstetrics and neonatology wards; The role of psychologists with cardiac patients; Considerations about the companion's perspective on hospitalization – on which I focus in order to contribute theoretically to the psychological perspective on the process of hospitalization, institutionalization of the individual and its impacts on psychological health. This research is a literature review. As a methodology, we used a qualitative literature review, through books and articles that deal with the history of hospitals, the history of psychology in the hospital environment, and the role of psychologists in hospitals. Our results show the presence of distressing factors for companions, which can directly impact their psychological health, and the importance of a psychologist in this context. Through all theoretical references, observations, and experiences, it is understood that intervention and assistance actions are necessary not only for the patient, but also for their companion, who may be a mother, father, child, or sibling, as hospitalization might cause different types of psychological suffering to the patient and their companion due to the negative aspects involved in the hospitalization process.

Keywords: Hospitalization; Psyche; Anguish; Companion.

1 INTRODUÇÃO

Ao ser internado, o sujeito, na maioria das vezes, é exposto a diversos procedimentos, restrições ou privações, podendo assim elencar sentimentos de medo, angústia, solidão, raiva e outros sentimentos negativos, nesse contexto aparece o acompanhante do paciente internado, que também padece, de sofrimento, angústia, medo, sentimento de impotência frente ao estado de saúde do outro a isso, entre outros aspectos, chamamos de hospitalização. A partir desses estados psíquicos e físicos, a psicologia hospitalar vem como uma atuação assistencial e apoio acolhendo o sofrimento ou angústia do paciente e acompanhante diante da hospitalização.

Serão abordados tópicos que versam sobre a temática apresentada, para que proporcione ao leitor uma visão panorâmica sobre a importância do fazer psicológico em alguns espaços do hospital e suas implicações, sendo eles: O psicólogo no contexto hospitalar; a atuação do psicólogo na enfermaria obstétrica e neonatologia; a atuação do psicólogo junto ao paciente cardíaco; considerações sobre a perspectiva do acompanhante acerca da hospitalização.

Este artigo traz à luz questões intrínsecas do olhar da psicologia a respeito do ambiente hospitalar e parte de suas nuances, tendo como base primordial embasamento teórico articulado à prática, no intuito de propiciar reflexões, interesse, questionamentos e transformação. Esmiuçando o fazer psicológico em diversas áreas

de atuação dentro do hospital, dentre elas, reações de angústias, sofrimentos, medos, impotência frente às limitações quanto à saúde do outro. Tendo como objetivo, analisar a maneira pela qual os psicólogos hospitalares podem melhorar o bem-estar emocional dos acompanhantes dos pacientes hospitalizados, observando como a hospitalização afeta o bem-estar emocional desses acompanhantes e encontrando métodos e abordagens que podem fornecer suporte psicológico de melhor qualidade nessas circunstâncias.

2 O PSICÓLOGO NO CONTEXTO HOSPITALAR

A princípio, a atuação do psicólogo hospitalar nos primórdios de sua atividade ou função, deve atuar nas equipes multiprofissionais do hospital, para assim ter como finalidade a identificação e compreensão das variáveis emocionais que vão influenciar na quadro de saúde do ser humano, agindo em campos de unidades básicas, ambulatórios especializados, hospitais gerais, prontos-socorros e outras instituições de saúde emergenciais. (STENZEL; PARANHOS; FERREIRA; BORGES, 2012 *apud* CFP, 1992). O trabalho do psicólogo hospitalar inclui colaborar com os outros membros da equipe de saúde, entender as questões emocionais relacionadas à saúde e oferecer apoio em várias situações, incluindo emergências. Isso enfatiza a importância do trabalho desses profissionais no hospital.

Para Bruscato, Kitayama, Fregonese e David (2004), na atenção terciária, iniciando a prática do psicólogo no ambiente hospitalar, seria tanto direcionado ao paciente, como minimização de dor e sofrimento, resolução de conflitos, acima de tudo o aumento e promoção do bem-estar e da saúde. Também existe a relação com os colaboradores e equipe do hospital, com o objetivo de mudar e ressignificar o olhar e sentimento individual de cada profissional para com o paciente, atrelando tanto aos aspectos subjetivos e psíquicos do adoecimento, para mudar o cuidado e atenção, por parte do processo, aumentando assim a humanização dos atendimentos.

Estar em condição de paciente, para alguns, remete em angústia, sofrimento, medo, e o alívio do sofrimento acontece quando o psicólogo hospitalar deixa o paciente "[...] falar de si, da doença, da família, de seus medos, fantasias, esclarecendo suas dúvidas." (CAMPOS, 1995, p. 81). E para fazer essa escuta, o psicólogo hospitalar não possui um setting terapêutico definido, ela acontece no

próprio leito ou até mesmo no corredor do hospital, sendo suscetíveis de interrupções e de acanhamento.

O fazer psicológico, voltado para assistência dentro do hospital, deve também preocupar-se com a família e a equipe, olhando de forma holística, paciente, familiares e equipe. "Tanto a família quanto a equipe poderão ser ajudadas pela psicologia diante das dificuldades no processo de reabilitação ou na eminência de perda ou morte." (PINHEIRO, 2005, p. 33). O psicólogo hospitalar adota uma abordagem holística, o que significa que ele leva em consideração a saúde mental e emocional de todos os que estão envolvidos no tratamento hospitalar, como o paciente, suas famílias e os profissionais médicos. As famílias são essenciais para fornecer suporte emocional aos pacientes e que, muitas vezes, enfrentam dificuldades emocionais ao lidar com a hospitalização de um ente querido. O psicólogo hospitalar não apenas ajuda os pacientes e suas famílias, mas também a equipe médica, ajudando os profissionais de saúde a lidarem com situações emocionalmente difíceis, como a certeza da morte ou perda de um paciente.

3 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ENFERMARIA OBSTÉTRICA E NEONATOLOGIA

Primeiramente, o serviço de psicologia, tanto nas enfermarias obstétricas quanto na neonatologia, advém de uma psicologia que é um conjunto de práticas de educação, científico e profissional direcionada para uma manutenção da saúde, cuidado e tratamento das doenças, identificação, diagnósticos. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018 *apud* MATARAZZO, 1980).

A psicologia na obstetrícia tem como prática entrar no universo feminino, tentando entender os aspectos da identidade da mulher, seu ego, seu corpo, sua sexualidade, como principalmente as etapas e fases que vai vivenciar durante a gestação, parto e puerpério. (SILVA et al, 2012).

O psicólogo obstétrico tem como necessidade conhecer os conhecimentos em patologias em relação às descrições obstétricas, eventuais intercorrências, conhecimentos sobre fisiologia e medicina fetal, também é necessário estar ciente sobre o processo gestativo do ciclo gravídico puerperal, como funciona a dinâmica psíquica deste período e as características de sua fase, atuando assim um psicólogo

com uma equipe multidisciplinar. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018 *apud* BORTOLETTI; SILVA, 2007).

Para Santos e Oliveira (2018), os serviços de psicologia devem criar um espaço de facilitação e organização para uma adaptação das gestantes normais e de alto risco, elencando assim um ajustamento com as relações e rotinas dos procedimentos hospitalares. O psicólogo pode oferecer um serviço tanto individual como em grupo, realizando um levantamento das pacientes, para com o prontuário, com os dados a respeito das gestantes, para assim fazer determinadas hipóteses e diagnósticos, para o psicólogo realizar um ajustamento e tratamento perante os conflitos. Nesse sentido observando o lugar de inserção do psicólogo, é de suma importância compreender um pouco mais sobre a prática voltada para a UTI neonatal, que segundo Fernandes e Santos (2018) a prática psicológica, no contexto da UTI (Unidade de Terapia Intensiva) neonatal, dá-se por uma série de questões que permeiam a concepção do RN (Recém-Nascido), seu nascimento e a necessidade ou a própria internação do bebê, que vão ser de caráter emergencial ou não, tendo casos de alta complexidade.

Nesse sentido, o psicólogo deverá realizar uma modificação das nuances comportamentais e circunstâncias dos genitores do bebê, para que respondam de forma adequada para os estímulos dos cuidados para com o bebê, garantindo a vida do RN. (FERNANDES; SANTOS, 2018). Pois a ansiedade e depressão dos genitores perante essa circunstância pode prejudicar esse processo.

Para Baltazar, Gomes e Cardoso (2010), uma série de papéis precisam ser feitos durante a internação do bebê, e o psicólogo precisa realizar uma aproximação dos bebês para com os pais, construir uma relação afetiva com bebê prematuro, portanto, deixando aquela imagem simbólica de RN doente.

Ajudar na comunicação pais/bebê – facilitar o diálogo afetivo com o bebê, estimulando a leitura das expressões, das condutas dos bebês nas particularidades de seus gestos e suas respostas quando em comunicação ou proximidade com os pais. (VALANSI; MORSCH, 2004, p.116).

Para Fernandes e Santos (2018), a atuação regular para com os genitores ou pais, com avaliações e acompanhamentos, para identificar histórico da família, condição sócio demográfica, financeira, antecedentes clínicos, aspectos subjetivos e psicológicos da internação.

Ajudar os pais a falarem sobre esse nascimento diferente - para que eles possam organizar seus pensamentos, identificar seus sentimentos, visando a melhor entenderem a situação de internação, o que irá facilitar a interação com o bebê. (VALANSI; MORSCH, 2004, p.116).

4 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO AO PACIENTE CARDÍACO

A cirurgia cardíaca é um procedimento que tem aspectos físicos e psicológicos, pois remete a uma invasão no corpo do indivíduo, mudando a vida do sujeito de forma comportamental, social e fisiológica. (WOTTRICH; QUINTANA; MORÉ; OLIVEIRA, 2016).

O psicólogo deve atuar na minimização da ansiedade e angústia do paciente, para que ele possa entender e se conscientizar do processo e fase que ele está vivendo, propiciando um clima de confiança e entre a equipe do hospital e o paciente, podendo assim melhorar a verbalização das fantasias a respeito do processo cirúrgico. (MOURA *et al.*, 2017). Antes do procedimento cirúrgico, é importante manter o bem-estar emocional do paciente, melhorar a comunicação entre o paciente e os profissionais de saúde e criar uma atmosfera de confiança. Isso torna a cirurgia mais positiva e eficaz.

Para Andreis (1990), o acolhimento é uma prática psicológica que deve ser feita pelo profissional nesses pacientes, pois isso cria sentimentos de empatia e confiança, isso o psicólogo pode utilizar para saber de experiências, sentimentos e medos em relação ao paciente.

Andreis (1990) ainda ressalta a necessidade que o psicólogo se oriente quanto ao auxílio destinado ao paciente com determinadas abordagens, dispondo de psicoterapia de apoio para os pacientes que precisam de orientação e aconselhamento, para ter uma homeostase.

A intervenção também pode ser feita através de Psicoterapia Breve Resolutiva ou Psicoterapia Reconstructiva, onde se pretende atingir núcleos profundos (inconscientes) de sua psicodinâmica que se encontram, para a situação atual, potencializando o conflito. (ANDREIS, 1990, p. 135).

O autor ainda complementa que o atendimento do psicólogo em psicoterapia breve têm como função ou andamento, o esclarecimento, resolução de pontos próprios da dinâmica do paciente, visando um equilíbrio psíquico para com o evento ou procedimento que o segue.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA DO ACOMPANHANTE ACERCA DA HOSPITALIZAÇÃO

O hospital é geralmente visto como um ambiente desagradável e hostil, tanto para o doente, quanto para a família que vivencia de forma direta e indireta a internação. A presença de um acompanhante, que na maioria das vezes é familiar, é importante quando desejada pelo paciente.

Conforme Andreis (1990), espera-se que o acompanhante possa proporcionar suporte emocional, segurança, afeto e apoio, colaborando para manter a estabilidade físico-emocional do seu familiar internado, no entanto, além da carga que ajuda o outro a carregar, o acompanhante também tem que lidar com suas próprias dificuldades, frustrações e sofrimentos. No âmbito da hospitalização, a ênfase da atenção, assistência e cuidado é prioritariamente direcionada para o doente, contudo, as práticas dos profissionais das áreas de enfermagem, psicologia, medicina e demais membros da equipe hospitalar, atuantes nesse processo, não podem ser indiferentes ao acompanhante, pois esse é um coparticipante importante no percurso do cuidado ao doente.

Além da hospitalização de um familiar gerar sentimentos negativos e uma série de fatores que desencadeiam o desgaste e sofrimento psíquico, quando é prolongada pode ocasionar certa desorganização no meio familiar, pois os membros mais envolvidos, passam a dedicar grande parte do tempo para prestar suporte durante a internação, o que pode gerar tensão intrafamiliar, pois o tempo destinado aos vínculos com o cônjuge e filhos torna-se mais difícil.

Nesse processo de adaptação a essa nova situação, o cuidador tem de administrar seu tempo entre os cuidados pessoais, atividades com a família nuclear, como a organização da casa, dedicação aos filhos e cônjuge, e às destinadas ao familiar hospitalizado (MARGRID *et al.*, 2009).

A hospitalização prolongada, geralmente resulta na sobrecarga de um acompanhante, conseqüentemente por inúmeros fatores, a responsabilidade de cuidar e auxiliar recai em um único membro da família. Quando não há ajuda de outros familiares ou amigos, geralmente considera-se por parte dos acompanhantes mais envolvidos uma situação revoltante, pois o que se espera é que toda a família se apresente como um suporte em momentos difíceis. É comum os acompanhantes, principalmente quando se trata de idosos, considerarem que a família tem certa

obrigação em compartilhar e se oferecer como cuidador em situação de vulnerabilidade do ente querido.

A diminuição do convívio social do acompanhante ocorre por consequência da interrupção de suas atividades rotineiras durante o período que passa no hospital, o que pode acarretar em isolamento social, essa condição na qual se encontra significa abnegações e privações, assim como perda de liberdade quando não há assistência de outras pessoas para compartilhar a função de cuidar.

No setor da obstetrícia, o acompanhamento psicológico para com a família é de extrema importância, nesse momento tanto as gestantes como também as puérperas exigem uma carga emocional e física dos acompanhantes, podendo ser as mães ou os próprios companheiros.

A presença de um acompanhante durante o processo de parto é de grande importância, pois esse contribui de forma significativa para que a parturiente se sinta mais à vontade e apoiada durante este momento, que pode acarretar sentimentos ambíguos de felicidade, medo e insegurança. Por se tratar de um momento muito importante, a presença do acompanhante escolhido propicia maior bem-estar emocional à mulher e contribui para que haja uma boa evolução do período gravídico-puerperal.

O acompanhante passa segurança e conforto para a gestante durante o período que está internada no processo parturitivo, além disso, esse cuidado se estende após o momento do parto, principalmente quando há presença de complicações no pós-cirúrgico, problemas com o recém-nascido, cuidados pós-parto e outras questões.

Apesar da evidente importância da figura do acompanhante durante o trabalho de parto, em algumas situações, a figura do acompanhante pode ser dispensável, a saber: opção da mulher por não ter um acompanhante, despreparo emocional do acompanhante escolhido ou desacato deste às normas da Instituição (TELES *et al.*, 2010)

Para que o acompanhante participe de maneira ativa no processo de parto é essencial que haja conhecimento dos procedimentos que serão realizados e a iniciativa por parte do acompanhante, junto a isso, adequado acolhimento por parte dos profissionais que estão inseridos nesse espaço, promovendo a inserção deste no processo.

Dentre as estratégias seguidas pela equipe multidisciplinar para auxiliar o familiar acompanhante acerca do enfrentamento diante da hospitalização estão as práticas que viabilizam a inserção em grupos de apoio, para que compartilhem seus sentimentos e vivências com outras pessoas e familiares na mesma circunstância,

uma maior atenção quanto ao esclarecimento de dúvidas, sempre promover informações corretas e importantes acerca do caso do paciente internado.

A comunicação clara e coesa associada ao relacionamento respeitoso e solidário da equipe de saúde com os familiares foi uma estratégia considerada importantes sobre o caso do familiar internado e desenvolver a noção da importância da comunicação entre equipe-acompanhante (BEUTER, *et al.*, 2012)

Outra estratégia para proporcionar conforto é a implantação do grupo de oração, que representa uma maneira de buscar esperança e confiança no restabelecimento do seu familiar através de elementos religiosos/espirituais que quando presentes na concepção psíquica do sujeito contribuem de forma significativa para tal enfrentamento.

Além da angústia, o acompanhante pode apresentar ansia em sair do ambiente hospitalar, para readaptar-se no sentido tangente a sua vida para além das paredes hospitalares e seus regimentos, horários e regras, e não menos importante voltar às suas atividades laborais. No entanto, a depender do estado clínico e seus agravantes, nem sempre o retorno do paciente e acompanhante dar-se de forma rápida, ou podendo até mesmo não voltar para casa com vida, nesse sentido entendo a família como um sistema no qual esse paciente se insere, é de se esperar que tanto a família como o acompanhe podendo ser parte desse sistema, sofrem durante esse processo de internação.

Se o enfermo é uma pessoa importante para o sistema, mais difícil será a readaptação das pessoas à nova fase. Também aqui a ansiedade vem carregada de sentimento de culpa e medo, podendo acarretar sintomatologia diversa (CENTRO DE ESTUDOS DA FAMÍLIA, 1990, p.1)

Vemos então que apesar de não ser o internado e não ter um diagnóstico como o paciente, o acompanhante leva consigo questões que precisam ser observadas. Tomando membros da família como exemplo de acompanhantes, em Dunkel, 1983 citado por Romano, (1999, p. 74) diz que:

[...] os profissionais devem estar atentos para o fato de que os membros de uma família correm o risco de doenças físicas, diminuição da atenção, irritabilidade e comprometimento da sua capacidade de decisão. Dessa forma, pode estar comprometida a habilidade de entender políticas, rotinas e procedimentos do hospital que parecem lógicos e racionais para a equipe.

Para Santos e Oliveira (2018), o acontecimento de intercorrências de óbito ou outros problemas durante a hospitalização é um fator que pode ocorrer, por isso o apoio emocional para os familiares e acompanhantes é imprescindível, pois elas já

estarão dando suporte a paciente, sofrendo com a perda em conjunto, então o atendimento psicológico para toda essa classe é necessário.

6 METODOLOGIA

Como metodologia, utilizou-se da revisão de literatura qualitativa, por meio de livros e artigos que versam sobre a história do hospital, a história da psicologia no âmbito hospitalar, e a atuação do psicólogo hospitalar. A respeito da pesquisa qualitativa, seu foco é obter uma compreensão e uma explicação da dinâmica das relações sociais, concentrando-se em aspectos da realidade que são irracionais e não quantificados. Minayo (2001) diz que a pesquisa qualitativa inclui uma variedade de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes diferentes. Isso representa uma variedade maior de relações, processos e fenômenos que não podem ser limitados apenas pelo uso de variáveis operacionais.

No presente trabalho, foram levantadas demandas e questões acerca do indivíduo que é hospitalizado, da atuação do profissional de psicologia em diferentes contextos hospitalares e a perspectiva do acompanhante no período da hospitalização, observando as nuances e aspectos psicológicos advindos desse processo.

7 RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados da pesquisa mostraram que há preocupações para os acompanhantes durante a hospitalização. Estes elementos incluem sentimentos como medo, ansiedade, solidão e outros sentimentos negativos, que podem afetar a saúde mental dos acompanhantes. Foi possível observar a importância do trabalho do psicólogo no hospital, o qual demonstrou-se crucial para reduzir a ansiedade e a angústia dos pacientes. Ajudando a criar um ambiente de confiança entre o paciente, o acompanhante e a equipe do hospital, no que tange a comunicação e verbalização das preocupações dos pacientes sobre os procedimentos cirúrgicos e a hospitalização.

A pesquisa mostrou quão importante é ter um psicólogo na enfermaria obstétrica e neonatológica. A compreensão dos aspectos psicológicos das gestantes, puérperas, bebês e suas famílias depende da psicologia, que fornece apoio emocional,

orientação e acompanhamento. Foi ressaltado que a comunicação clara e respeitosa entre a equipe de saúde e os acompanhantes é essencial para criar um ambiente onde todos são apoiados e se entendem uns aos outros. A equipe de saúde tem um grande impacto no bem-estar emocional dos pacientes e acompanhantes.

Observou-se que, a hospitalização prolongada pode ter um impacto significativo na vida dos acompanhantes, incluindo sobrecarga emocional, menos convívio social e desorganização familiar. Durante esse período, os acompanhantes enfrentam dificuldades físicas e emocionais. Não menos importante sendo ponto primordial do fazer psicológico vale lembrar que trabalhamos com seres humanos temos em mãos uma ciência com um campo de atuação vasto e dinâmico, com comportamentos, com subjetividades, com relações interpessoais, nesse sentido o ouvidor apto a receber e processar demandas advindas das mais variadas formas, deve agir de modo que leve em consideração tais considerações. Junqueira (2001, p.61) diz que “como outras ciências, a psicologia estuda seres humanos reais e concretos, em especial o seu comportamento, a partir da estreita relação que se estabelece entre o indivíduo e a sociedade.”

O contato com o sujeito é muito importante no acolhimento e no encaminhamento das questões na promoção de soluções das problemáticas no estabelecimento de relações mais funcionais no contexto em que esses sujeitos estão inseridos, segundo Alvim (2012, p.188):

Há espaço para a expressão e de acolhimento da diferença [...] quando a pessoa pode ser olhada e acolhida. Tal olhar, quando sentido como aceitação é capaz de diminuir a sensação de inadequação e solidão frente suas próprias possibilidades criativas [...] A aceitação do cliente de sua totalidade, incluindo sua força e fragilidade, sua criatividade e diferença, são grandes e importantes passos na mudança do Ter para o Ser, da retroflexão para o contato legítimo.

Os serviços prestados pelo psicólogo na ouvidoria são de extrema seriedade comprometimento, tendo em vista que essa atividade está ligada a questões intrínsecas de cada grupo ou sujeito o qual procura por alguém que possa ajudá-lo, é nessa busca de ajuda, informação, de lugar, o sujeito apresenta-se como consegue no momento. É importante elencar demandas pertinentes não somente ao fazer do psicólogo e paciente, mas também ao acompanhante.

O acompanhante é todo e qualquer indivíduo que de forma voluntária ou remunerada permanece junto do paciente por um período de tempo consecutivo e sistemático, proporcionando companhia, suporte emocional e

que, eventualmente, realiza cuidados em prol do paciente mediante orientação ou supervisão da equipe de saúde. (PROCHNOW *et al.*, 2009, p.12)

Observa-se a grande importância em atuar como profissional da psicologia perante aos ambientes já mencionados, existe uma nítida ligação desses setores para com o funcionamento do ambiente hospitalar de forma a promover uma melhor comunicação, ouvindo e escutando ambas as partes, ou seja, colaborador, paciente e acompanhante. Foi mencionado a respeito da perspectiva do acompanhante que, a hospitalização prolongada, geralmente resulta na sobrecarga de um acompanhante, conseqüentemente por inúmeros fatores, a responsabilidade de cuidar e auxiliar recai em um único membro da família. Ter neste contexto profissionais adequados e preparados é de grande importância, pois, tais fatores angustiantes para com os acompanhantes, podem impactar diretamente na saúde psíquica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando existe a presença de acompanhantes em unidades de internação é comum que apareçam demandas que envolvem o trabalho de diferentes membros da equipe multidisciplinar, desde o médico que realiza os procedimentos e a enfermeira que acompanha o processo, até o psicólogo que oferece assistência psicológica. Todos que estão relacionados com a internação devem sempre ter um olhar voltado não apenas para o doente e suas necessidades, mas ter o conhecimento dos cuidados acerca do acompanhante que se encontra no espaço hospitalar.

O acompanhante, na maioria das vezes, é algum familiar, que precisa adaptar-se às rotinas e normas que permeiam o ambiente hospitalar, tendo em vista o bem-estar e a recuperação do doente. Contudo, a permanência neste lugar, não é desejada e muito menos agradável para os doentes, assim como para os acompanhantes.

Os sentimentos que os acompanhantes vivenciam são, muitas vezes, reflexo da ausência de apoio, atenção e informações da equipe de saúde. Essa questão pode estar relacionada com a dificuldade que a equipe de saúde tem em inserir a família no contexto da internação hospitalar, o que potencializa os sentimentos negativos. O intuito de criar uma ponte entre o acompanhante e a participação no cuidado, assim como a inter-relação deste com a equipe são elementos facilitadores do processo de hospitalização.

Devido seus aspectos indesejáveis, a atuação no âmbito hospitalar requer dos profissionais de saúde, envolvidos no processo a assistência, capaz de promover a devida atenção à todos que de alguma forma, demonstram a necessidade de serem atendidos, visto que, o estado psíquico do acompanhante pode influenciar de forma positiva e negativa o estado do doente, já que esse, na maioria dos casos, se encontra em situação de fragilidade e carece de apoio para lidar com a convivência a dor, sentimento de perda, autoestima baixa, depressão, angústia, e inúmeras condições que remetem ao sofrimento de diferentes casos clínicos.

Por meio de todos os referenciais teóricos, observações e experiências vividas, entende-se que são necessárias ações de intervenção e assistência não apenas no âmbito do paciente, mas também para com o seu acompanhante, podendo ser mãe, pai, filhos ou irmão, visto que, a hospitalização pode causar diferentes tipos de sofrimento psicológico ao paciente e seu acompanhante em decorrência dos aspectos negativos que envolvem o processo de hospitalização. Através desse relatório e estudo, pode-se inferir que o psicólogo hospitalar deve conhecer e abarcar em suas práticas uma série de estratégias para trabalhar as demandas psicológicas que surgem nos indivíduos, atuando junto com outros profissionais em uma rede multiprofissional, para que o sujeito tenha uma hospitalização com menos sofrimento possível, que os procedimentos sejam eficazes e que não haja presença de maiores riscos à saúde física e psíquica.

REFERÊNCIAS

- BEUTER, Margrid i. **Sentimentos de familiares acompanhantes de adultos face ao processo de hospitalização**. Esc. Anna Nery [online]. 2012, vol.16, n.1, pp.134-140.
- BRUSCASTO, Wilze Laura; BENEDETTI, Carmen; Lopes, Sandra Ribeiro de Almeida. O trabalho em equipe multiprofissional na saúde. In: BRUSCASTO, Wilze Laura; KITAYAMA, Marcela Mayumi Gomes; FREGONESE, Adriana Aparecida; DAVID, Juliana Haddad. **A prática da psicologia hospitalar na Santa Casa de São Paulo: novas páginas em uma antiga história**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.33-42.
- CAMPOS, T. C.. **Psicologia hospitalar: a atuação em hospitais**. 2. ed. São Paulo: EPU, 1995.

CENTRO DE ESTUDOS DA FAMÍLIA. **Teoria da crise**: circunstâncias familiares. S/L, 1990.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2007.

EBAID, Cynthia; ANDREIS, Mônica. A intervenção do psicólogo junto aos pacientes cardiopatas. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, v. 55, n. 2, p. 133-135, 1990.

FERNANDES, Queila Pierre; SANTOS, Valeria Batista Menezes Agostinho. Atuação Psicológica em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; DIAS, Rosana Righetto; BAPTISTA, Adriana Said Daher. **Psicologia Hospitalar: Teoria, Aplicações e Casos clínicos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. p.127-149.

LEÃO, Luis Henrique da Costa. Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. **Ecós: estudos contemporâneos da subjetividade**, [S. l.], v. 02, n. 02, p. 291-305, 22 nov. 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/viewFile/1008/722>. Acesso em: 07 abr. 2021.

MOURA, G.L. *et al.* A importância do saber psicológico no pré-operatório. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde**. 2. ed., 2017, Campina Grande-PB. Anais do II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde. Campina Grande-PB, 2017.

PEREIRA, L. H. **A voz do usuário no sistema hospitalar**: ouvidorias. *Sociologias*, vol. 4, n. 1, 2002, p. 82-121.

PINHEIRO, L.M.H. (2005). A importância da psicologia para a humanização hospitalar. Psicópio: **Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde**, 1, 25-35. Recuperado em 30 de março de 2021, da http://susanaalamy.sites.uol.com.br/psicopio_n1_25.pdf.

ROCHA, Teles *et al.* **parto com acompanhante e sem acompanhante**: a opinião das puérperas. (p. 688-694). 2010.

SANTOS, Valeria Batista Menezes Agostinho dos Santos; OLIVEIRA, Luana Maria. Enfermaria de Obstetrícia. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; DIAS, Rosana Righetto; BAPTISTA, Adriana Said Daher. **Psicologia Hospitalar: Teoria, Aplicações e Casos Clínicos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. p.103-126.

SILVA, Ana Nóbrega *et al.* Psicologia Hospitalar: reflexões a partir de uma experiência de estágio supervisionado junto ao setor Obstétrico-Pediátrico de um Hospital Público do interior de Rondônia. **Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.41-58, Jan/Jun. 2012.

STENZEL, Gabriela Quadros de Lima; PARANHOS, Mariana Esteves; FERREIRA, Vinícius Renato Thomé; BORGES, Vivian Roxo. A formação do psicólogo hospitalar. In: STENZEL, Gabriela Quadros de Lima; PARANHOS, Mariana Esteves; FERREIRA, Vinícius Renato Thomé. **A Psicologia no cenário hospitalar**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012. p.27-38.

VALANSI, Luciana; MORSCH. O Psicólogo como Facilitador da Interação Familiar no Ambiente de Cuidados Intensivos Neonatais. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, v. 24, n. 2, p. 112-119, 2004.

WOTTRICH, Shana Hastenpflug; QUINTANA, Alberto Manuel; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; OLIVEIRA, Stefanie Griebeler. Significados da Cirurgia Cardíaca para Pacientes Submetidos a Processo Cirúrgico. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 20, n. 1, p. 20-29, jan./abr. 2016.

ZANELLI, J C.; BASTOS, A V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: ZANELLI, J.C; BORGES-ANDRADE, J. E, BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto alegre: Artmed, 2004. p. 466-491